

Percepções sobre pele na área da educação física: experiências do tocar

Perceptions about skin in the area of physical education: experiences of the touch

Dênis Davi de Oliveira Decussatti

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba -IFPB

Iraquitã de Oliveira Caminha

Universidade Federal da Paraíba -UFPB

João Pessoa-Paraíba- Brasil

Resumo:

O ato de tocar e ser tocado durante a infância é essencial para o desenvolvimento do comportamento enquanto adulto, no entanto, culturalmente estamos nos distanciando dessa ação. Em nossas análises, constatamos que o fato de as crianças evitarem o toque entre si pode estar relacionado com a compreensão que possuem de sua própria pele. Por essa razão, objetivamos ressignificar a percepção sobre pele por meio de uma prática intervencionista da Educação Física que privilegiou o tato. Para tanto, construímos, sob o paradigma fenomenológico, uma pesquisa-ação com crianças entre 9 e 10 anos. Quanto aos instrumentos, utilizamos o teste do desenho, a observação participante, a roda de conversa e a fotografia. Como resultado, percebemos que as crianças necessitavam de maior contato entre elas e, por meio da exploração do tato, foi possível ressignificar suas percepções sobre pele. Além do mais, baseamo-nos também na Teoria das Cinco Peles, e as experiências do tato revelaram uma interação entre essas diferentes peles, impulsionando-nos a defini-las como *interpele*.

Palavras-chave: Educação Física; Teoria das Cinco Peles; Tato.

Abstract:

The act of touching and being touched during childhood is essential for the development of adult behavior, however, we are culturally distancing ourselves from this action. In our analyzes, we found that the fact that children avoid touching each other may be related to the understanding they have of their own skin. For this reason, we aim to re-sign the perception about skin through an interventionist practice of Physical Education that privileged touch. Therefore, we constructed, under the phenomenological paradigm, an action-research with children between 9 and 10 years. As for the instruments, we used the drawing test, the participant observation, the talk wheel and the photograph. As a result, we realized that children needed more contact between them and, through the exploration of touch, it was possible to re-signify their perceptions about skin. Moreover, we are also based on the Five-Skin Theory, and the experiences of tact revealed an interaction between these different skins, impelling us to define them as *interpele*.

Keywords: Physical Education; Five-Skin Theory; Tact.

Introdução

O ato de tocar e ser tocado durante a infância é essencial para o desenvolvimento do comportamento enquanto adulto (MONTAGU, 1988). É por meio do toque que a criança desenvolve sua percepção de mundo, ou seja, passa a se relacionar com o mundo que a cerca. Anzieu (1989) afirma que, durante o toque, instaura-se uma comunicação primária entre a criança e o que ou quem está sendo tocado, construindo, dessa forma, suas próprias relações.

No entanto, culturalmente estamos nos distanciando do toque, pois seguimos determinações impostas pela própria cultura. Em nossa sociedade, à medida que crescemos, censuramos o toque, perdendo com isso uma importante forma de nos relacionarmos e, de certa forma, distanciando-nos da experiência do tocar (MONTAGU, 1988).

Por outro lado, as aulas de Educação Física, por serem fundamentadas em vivências com o próprio corpo, oferecem oportunidades às crianças de tocarem e serem tocadas. Além do mais, a Educação Física desenvolve na criança um olhar crítico em relação ao processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos ao viver experiências com o corpo (GONÇALVES; AZEVEDO, 2008). Para nós, a criticidade está no arrefecimento das experiências do tocar, perdendo com isso um importante elemento na construção das relações humanas.

Sabe-se que crianças entre 7 e 10 anos começam a se libertar do seu egocentrismo social, tornando-se capaz de construir novas relações, as quais são de extrema importância para o desenvolvimento da sua inteligência e da sua afetividade (PIAGET, 1999). Baseado em tal afirmação, é evidente a necessidade de proporcionar, para essa faixa etária, ações que trabalhem a socialização e a afetividade das crianças. Ao nosso ver, ações que envolvam a experiência do tocar.

Nesse contexto, Caminha (2012) nos lembra que não podemos considerar a educação desprovida de inventividade, privando-nos do desafio de reaprender a ver o mundo. Com isso, buscamos formas inventivas que nos fazem ver o mundo de forma diferente. Uma forma, em nossa visão, seria incorporar a arte nas reflexões ligadas à Educação Física, construindo, assim, outra lógica para se pensar o corpo e as relações construídas a partir dele (SOARES; MADUREIRA, 2005).

Motivados por esse discurso, encontramos em Hundertwasser – artista plástico austríaco – a aproximação entre Educação Física e arte. Dentre suas obras, apropriamo-nos

da *Teoria das Cinco Peles*, a qual, por sua vez, compreende o corpo humano de forma subjetiva, constituído por cinco peles: epidermes, roupas, casas, identidade e terra. Nessa teoria, Hundertwasser utiliza o conceito de pele para discutir as relações humanas.

Nascido na Áustria em 1928, Hundertwasser foi um artista que refletiu sobre corpo humano, possibilitando um diálogo mais próximo com os espaços que ocupa. Referimo-nos a Hundertwasser como um artista devido às suas produções ligadas à arte, assim como sua capacidade de produzir um pensamento capaz de repensar o corpo humano.

Hundertwasser, em seus traços e relatos, concebe a teoria sobre a existência de um corpo plural, assimétrico, que se permite compor pelos matizes de suas alteridades (PERETTA, 2007). Em sua concepção, o corpo humano é composto por dimensões exteriores ao próprio organismo, desenrolando-se rumo ao infinito.

Nesse contexto, surge a Teoria das Cinco Peles, definida por Peretta (2007) como representante de um corpo com fronteiras porosas e fluidas, dilatado e ampliado, composto por instâncias plurais, inclusive por esferas extra-humanas, capaz de potencializar em si mesmo uma discussão sobre ética, sentimento e corresponsabilidade para com o outro.

Considerando o pensamento artístico, sobretudo o posicionamento do artista, no qual as relações partem da pele, suspeitamos que o fato de as crianças evitarem o toque entre si pode ter alguma relação com a compreensão que possuem de sua própria pele. Com isso, sugerimos a seguinte problemática: baseado na Teoria das Cinco Peles, é possível construir uma intervenção que privilegie o tato, capaz de compreender e ressignificar a percepção sobre pele encontrado na Educação Física?

Assim, nossa pesquisa buscou ressignificar a percepção sobre pele por meio de uma prática intervencionista da Educação Física que privilegiou o tato. Especificamente, procuramos compreender as percepções das crianças sobre pele, promover uma intervenção que valorize experiências do tocar e, por fim, construir, com base na percepção dos alunos, uma discussão sobre as cinco peles hundertwasserianas.

Em nosso entendimento, há uma lacuna na ciência em relação a estudos que investiguem o tato no cenário da Educação Física. Almeida e Shigunov (2000), em uma revisão bibliográfica, apresentam vários estudos direcionados a crianças que abordam atividades nas aulas de Educação Física, no entanto, em nenhum deles há referência ao tato.

Outra evidência dessa lacuna é o estudo de Pinheiro e Gomes (2016), os quais, por sua vez, investigaram de que maneira as atividades infantis são abordadas nos cursos de graduação de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Embora a pesquisa concentre-se em uma única universidade, é curioso que, em nenhum dos cursos analisados, as experiências do tato são abordadas.

Desse modo, diante de tal lacuna, justificamos nosso estudo considerando que a Educação Física necessita melhor compreender como as crianças vivenciam a experiência do contato com o outro e, de certa forma, investigar qual a percepção que possuem de suas próprias peles. Por fim, esperamos contribuir para a área, descobrindo formas de a Educação Física auxiliar as crianças a construir suas próprias relações.

Metodologia

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, de paradigma fenomenológico, cujo tipo de estudo é uma pesquisa-ação. Godoy (1995) destaca que pesquisas qualitativas permitem uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisados. Em relação ao paradigma, Bicudo (2011) enfatiza que a fenomenologia concentra-se na percepção do sujeito. Quanto ao tipo de estudo, Godoy (1995) afirma que estudos dessa natureza valorizam o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada.

Nossa pesquisa ocorreu na escola Instituto Pessoaense de Educação Integrada (IPEI) da cidade de João Pessoa-PB. Nesse local, encontramos uma visão de educação integrada, com experiências curriculares que aproximam os alunos, correspondendo, assim, a nossa percepção de escola como espaço de convivência.

Além disso, o IPEI firma-se na cidade de João Pessoa, como uma escola referência na busca de se trabalhar a noção de corpo humano em uma perspectiva ampla e plural, entendendo-o em seus aspectos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Tomando Caminha (2012) – que reconhece a escola como um lugar de ricas experiências em uma situação permanente de diálogo –, enxergamos, na perspectiva ampla de corpo humano, uma aproximação entre a teoria pesquisada e a compreensão de corpo adotada pela escola.

Quanto aos narradores da pesquisa, foram 20 crianças, entre 9 e 10 anos, matriculadas no quarto ano do ensino fundamental. Crianças nessa faixa etária possuem

uma percepção prévia sobre os significados do corpo humano, entretanto, possuem uma maleabilidade em suas percepções, visto que estão em processo de formação.

Planejamos nossa intervenção considerando: população, abordagem, cenário, duração da intervenção, estratégias de ação e avaliação. Em relação à população e à abordagem, definimos crianças com as quais trabalhamos as abordagens social, política e ambiental. Quanto ao cenário, à duração da intervenção e às estratégias de ação, escolhemos, respectivamente, a escola, um programa interventivo de três meses com dois encontros semanais e estratégias individuais e em grupo. Por fim, avaliamos periodicamente nossa intervenção no intuito de nos mantermos vigilantes a possíveis problemáticas que pudessem surgir.

Quanto ao suporte teórico, utilizamos os manifestos escritos por Hundertwasser, *Fenomenologia da percepção* (MERLEAU-PONTY, 1999) e *O visível e o invisível* (MERLEAU-PONTY, 2012), para compreender a teoria trabalhada em nossa intervenção. As obras *Tocar: o significado humano da pele* (MONTAGU, 1988) e *O Eu-pele* (ANZIEU, 1989), que, por sua vez, discutem a importância do tato, foram utilizadas para nos inspirar em como trabalhar a teoria junto às crianças.

Em nossa intervenção, contamos com o apoio da professora de classe, da professora de Educação Física, além da psicopedagoga e da psicóloga da escola. As duas últimas acompanharam toda a intervenção, alimentando-nos de informações relevantes sobre cada sujeito da pesquisa.

Em nossa intervenção foram ministradas vinte aulas que, por sua vez, e a pedido da escola, foram estruturadas do seguinte modo: duas aulas semanais, segundas e quartas, com uma hora de duração, das 14h às 15h. O número de aulas foi definido a partir da saturação teórica, proposta por Fontanella et al. (2011). Para os autores, saturação teórica é a completude na coleta de dados à medida que o pesquisador constata que novos elementos, surgidos a partir do campo de observação, pouco acrescentam à discussão da teorização almejada.

As aulas foram divididas em três momentos: encantamento para a atividade, aprofundamento da atividade e organização do pensamento. O encantamento para a atividade consiste em conquistar a atenção das crianças para o conteúdo que será vivenciado. Nesse caso, evidenciamos as peles para que fossem percebidas e interpretadas.

Para Merleau-Ponty (2012), é preciso que aquele que olha não seja estranho ao mundo que olha e, por essa razão, evidenciar as peles é um caminho para percebê-las.

O aprofundamento da atividade está ligado à vivência em si, marcada por movimentos corporais dotados de sentidos e significados. À medida que as crianças eram instruídas a vivenciar as atividades, formulavam espontaneamente comentários sobre as experiências vividas, ligadas, muitas vezes, às peles percebidas.

Por fim, no momento da organização do pensamento, e por meio da linguagem, as crianças compartilhavam suas experiências no intuito de construir uma compreensão coletiva das situações vivenciadas. Vale salientar que não restringimos linguagem à comunicação verbal, pois estendemo-la a outras formas de expressão, como, no caso, o desenho.

Cumpramos dizer que as aulas começavam e terminavam com um círculo que congregava todas as crianças. O círculo inicial, construído no momento do encantamento para a atividade, recuperava as reflexões da última aula, esclarecendo, também, a atividade a ser vivenciada. O círculo final, formado no momento da organização do pensamento, repercutia a atividade.

Utilizamos termos de consentimento e assentimento para cada sujeito participante. Desse modo, foram excluídas aquelas crianças que não foram autorizadas por seus responsáveis. Em relação aos instrumentos, subdividimo-los em principais e complementar. A observação participante, o teste do desenho e a roda de conversa foram nossos instrumentos principais. A fotografia consiste em nosso instrumento complementar. Optamos em utilizá-la com a intenção de captar a oralidade do corpo (BICUDO, 2011), tendo em vista que a foto revela significados nos movimentos registrados.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, cercamo-nos de cuidados para cada instrumento utilizado. Para a observação participante, os dados coletados estavam intimamente ligados à vivência de cada aula, uma vez que consideramos diálogos que se mostraram relevantes no decorrer das aulas. Para o teste do desenho, as crianças utilizaram papel A4 em branco, lápis de cor e hidrocor. Todos os desenhos foram construídos, no final das aulas, sob a recomendação de se desenhar a própria pele. Utilizamos esse teste por incitar a imaginação e estimular a criatividade da criança (CAMPOS, 1993; BÉDARD, 2013).

As coletas, nas rodas de conversa, deram-se a partir dos desenhos construídos e/ou das atividades vivenciadas. Ao final das aulas, gravávamos as reflexões das crianças sobre

seus aprendizados nas situações vividas. Por fim, realizamos o registro fotográfico dos momentos que consideramos incapazes de serem traduzidos por meio da linguagem e/ou desenho.

Em relação à análise dos dados, ela foi construída a partir das peculiaridades da pesquisa fenomenológica, na qual, para Bicudo (2011), os sentidos não se revelam de modo imediato, manifestando-se no decorrer da experiência vivida. Por essa razão, debruçamo-nos sobre textos produzidos ao longo de nossa intervenção. Em relação a esses textos, não nos limitamos ao registro verbal escrito, mas também às formas não verbais do desenho e/ou qualquer forma de expressão evidenciada na intervenção.

Sendo assim, para nossas análises, adotamos as seguintes fases propostas por Bicudo (2011): ler atentamente os escritos, colocar em evidência os sentidos, estabelecer unidades de sentido e efetuar síntese das unidades de sentido. Vale salientar que, para o desenho, optamos por não nos concentrarmos em uma análise técnica, mas como ponto de partida para a subjetividade revelada.

Por fim, cumpre dizer que se trata de uma pesquisa de doutorado, submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Paraíba, com o identificador CAAE: 56358016.4.0000.5188. Portanto, o presente artigo foi construído a partir dos resultados e reflexões obtidas na conclusão do processo de doutoramento.

Resultados e discussões

A percepção da pele como limite

Nossas primeiras análises apontam para a percepção da pele como limite. Ao serem questionadas sobre os significados de suas peles, observamos, nas respostas das crianças, uma forte associação à ideia de limite e fronteira, ou seja, órgão que demarca, diferencia e as protege contra elementos externos ao próprio corpo:

Pele é a capa protetora.

É uma parte do nosso corpo que cobre e protege nosso corpo.

O tecido que cobre o braço a perna e o corpo da pessoa. (Narrativas das crianças).

Esses discursos de proteção se contrapõem à perspectiva comunicadora que a pele assume na teoria hundertwasseriana. No entanto, para Bicudo (2011), a pesquisa qualitativa

fenomenológica explica modos de compreender a realidade, ao passo que o fenômeno se mostra por sujeitos contextualizados. Sendo assim, inicialmente associar a pele a significados distantes da teoria abordada nesta pesquisa é natural, uma vez que a Teoria das Cinco Peles não habitava o contexto vivido pelas crianças e, conseqüentemente, não fazia parte de suas realidades.

Entretanto, coube a nós, pesquisadores ligados à tal teoria, conjuntamente com as crianças, repensar a concepção dada às suas peles. Para Freire e Pereira (2005), quando refletimos sobre nossa maneira de viver, aprendemos a pensar de modo diferente. Para tanto, apoiamo-nos em Montagu (1988) e Anzieu (1989) no intuito de refletir sobre a relação que estabelecemos com nossa própria pele. Optamos por esses autores pois, em suas obras, eles repensam os significados fronteiros e limitados atribuídos à pele, impulsionando-nos, assim, a revermos nossa maneira de viver, bem como nossa compreensão sobre o assunto.

Com isso, propomos uma intervenção, construída a partir das necessidades reveladas nos discursos das crianças, com o objetivo de reconsiderar a concepção limitada e não comunicativa dada às suas próprias peles. O discurso revelado por um aluno, ao ser questionado sobre o que sentiu ao vivenciar uma atividade que priorizou o contato com outras crianças, denuncia suas carências em viver uma pele que se protege e cria fronteiras para aqueles que o cercam: “Eu achei meio estranho porque a maioria das vezes não sou tocado pelas pessoas”.

A concepção das crianças, representada pelo discurso citado anteriormente, revela a privação que há em relação ao toque, devido à percepção da pele como território demarcado que as separam do outro. Por essa razão, optamos por construir uma intervenção que priorizasse o tato, capaz de estimular o contato entre as crianças e quebrar as fronteiras construídas por corpos que se privam de contato e, conseqüentemente, não se tocam. O tato, para Anzieu (1989) e Ales Bello (2006), fornece-nos a sensação do nosso próprio corpo, concomitantemente à nossa percepção sobre os objetos, o mundo que nos cerca e, sobretudo, o outro. O fato de percebermos o outro, de quebrarmos as fronteiras e compreendermos por meio do tato que o mundo é compartilhado com outras pessoas é o que nos motiva a proporcionar vivências as quais estimulem o contato entre as crianças.

Montagu (1988), em sua obra *Tocar: o significado humano da pele*, revela que quanto mais estimulado for o animal por meio do tato, maior a probabilidade de desenvolver

comportamentos de aproximação. Esse pensar evidencia que a estimulação tátil durante a infância é importante para o desenvolvimento do comportamento enquanto adulto, pois a pele, na perspectiva de Anzieu (1989), é um meio primário de comunicação com os outros, capaz de construir relações significantes.

Amparados nos argumentos de Montagu (1988) e Anzieu (1989), entendemos que, ao vivenciarem experiências que busquem o contato com o outro, as crianças podem ressignificar suas percepções sobre pele, passando a perceber o caráter integralizado e comunicador que a teoria traz.

Necessidade do contato com o outro

Constatamos também, a partir das nossas análises, que, assim como os discursos, os desenhos revelam a necessidade de contato entre as crianças. Os braços abertos em grande parte dos desenhos construídos (Figura 1) representam a busca por contato, a intenção de se aproximar de outras pessoas, o anseio por encontrar outros que se possa abraçar.

Figura 1: Desenhos construídos por crianças (a)



Fonte: dados do estudo.

Tal interpretação é baseada em Campos (1993) e Bédard (2013), que, por sua vez, auxiliam-nos a interpretar desenhos construídos por crianças. Embora a análise dos autores

se encaminhe para um enfoque técnico, não podemos desprezar que o desenho revela dados do consciente e inconsciente. Desse modo, não nos detemos em uma descrição minuciosa de cada desenho, no entanto, a partir dos autores, observamos que o fato de muitas crianças se desenharem de braços abertos desvela a necessidade de contato entre elas.

É bem verdade que, para Bicudo (2011), em pesquisas fenomenológicas, não se obtêm verdades lógicas sobre o investigado, mas indicações do modo de ser e pensar dos sujeitos pesquisados. Sendo assim, a partir da compreensão do modo de pensar das crianças investigadas, revelado por meio dos desenhos, buscamos explicações que justifiquem a busca por contato.

Uma primeira explicação, ao nosso ver, está no fato de a pele e o cérebro originarem-se da mesma estrutura embrionária, o ectoderma. Conseqüentemente, o sistema nervoso se torna uma parte escondida da pele, ao passo que a pele é uma porção exposta do sistema nervoso (ANZIEU, 1989; MONTAGU, 1988). Isso explica porque são prazerosas as sensações de carícia e porque relaxamos, em alguns momentos, ao sermos tocados, como, por exemplo, no caso da massagem. Com isso, fica clara, a partir do pensamento dos autores, a razão de buscarmos constantemente o toque, pois, de certa forma, ele nos alimenta com sensações de prazer.

Uma segunda explicação para a necessidade de contato entre as crianças foi encontrada na obra de Montagu (1988), a qual reflete sobre o efeito da experiência tátil sobre o desenvolvimento do comportamento humano. Para o autor, a estimulação cutânea é uma importante necessidade biológica tanto para o desenvolvimento físico como para o desenvolvimento comportamental, ou seja, quanto mais nos tocamos nos primeiros anos de vida, como, por exemplo, no ato de brincar, mais desenvolvemos comportamentos que nos aproximam uns dos outros. Para o autor, esse fato explica a necessidade de contato quando ainda crianças, pois, nessa fase da vida, busca-se aproximação com aqueles que nos cercam.

Somando às explicações anteriores, curiosamente, se analisarmos com atenção a fisiologia da pele, observaremos que a pele em si realiza movimentos de aproximação. A pele é constituída por pontos de contato, ou seja, pontos que aproximam as células epiteliais (TORTORA; DERRICKSON, 2012). Embora essa explicação fisiológica se distancie das explicações que buscam justificar a necessidade de contato entre as crianças,

consideramos importante citá-la, porque, de certa forma, evidencia que a própria pele tende a movimentos de aproximação.

Não obstante os fatos citados indicarem comportamentos de aproximação, Montagu (1988) lembra que as determinações impostas nas diferentes culturas moldam as experiências táteis, resultando na construção de padrões de comportamento. No caso, ainda que as experiências do tato sejam essenciais e salutares para o desenvolvimento físico e comportamental, proporcionando ao ser sensações de prazer, culturalmente são evitadas. Não cabe para o momento apontar as razões que nos levem a nos distanciarmos do toque, no entanto, passa pelo objetivo deste trabalho interpretar as relações que as crianças estabelecem com suas peles e, na medida do possível, buscar ressignificá-las.

Assim, no intuito de ressignificar a noção de pele, optamos por uma intervenção que caminhou no sentido contrário das percepções observadas no primeiro momento – quando identificamos que as peles eram entendidas como limitadas e fronteiriças. No caso, como citado anteriormente, escolhemos uma intervenção que privilegiou o tato por meio do toque.

A importância do tato

Uma forte evidência da importância do tato em nossas vidas está na ordem de desenvolvimento dos nossos sentidos sensoriais. Primeiramente, enquanto ainda embrião, desenvolve-se nossa dimensão tátil, seguida da dimensão auditiva e visual (MONTAGU, 1988). Considerando que biologicamente há uma relação entre a ordem do desenvolvimento orgânico e a importância vital do órgão desenvolvido, logo, constatamos que o tato é o sentido primeiro, primitivo e mais vital do ser humano.

Um argumento para essa constatação é o fato de que se pode viver cego, surdo, privado de paladar e de olfato, no entanto, sem a integridade da pele, não há possibilidade de se sobreviver (MONTAGU, 1988; ANZIEU, 1989). O tato é o único sentido presente em todos os animais e, por ser um sentido caro ao ser humano, é primordial explorá-lo nos primeiros anos de vida.

Diante de tais argumentos, expomos imagens de uma das atividades de nossa intervenção que privilegiou a experiência do tato:

Figura 2: Fotos da intervenção



Fonte: dados do estudo.

Encontramos, ainda em Anzieu (1989), novos argumentos que legitimam a importância do tato no desenvolvimento infantil. Para o autor, o contato corporal entre mãe e bebê é essencial para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança. A experiência de segurar o bebê nos braços, apertar contra seu corpo e estabelecer troca de calor, cheiro e movimentos é capaz de criar uma pele subjetiva que une mãe e bebê, denominada pelo autor de *Eu-pele*.

Nesse pensar, vivenciar essa pele simbiótica entre mãe e bebê fornece ao segundo segurança para que possa aos poucos desenvolver-se afetiva, cognitiva e socialmente. Embora nossa pesquisa não se concentre em bebês, vale apropriar-se da ideia de que o *Eu-pele* auxilia no desenvolvimento da criança e, para o momento, destacamos a capacidade da pele em promover troca de informações entre mãe e filho, a ponto, inclusive, de transmitir a segurança e o afeto materno de que a criança tanto precisa.

A pele promove uma troca intensa entre mãe e bebê, auxiliando, ainda, na manutenção do psiquismo da criança (ANZIEU, 1989). É por meio do *Eu-pele* que a criança sente as emoções originadas na mãe e, conseqüentemente, experimenta, descobre e aprende esses novos sentimentos. Assim, a pele funciona como um canal poderoso de comunicação entre os dois envolvidos, capaz, inclusive, de transmitir pelo tato, sensações de um para o outro.

Outra evidência da comunicação entre mãe e filho por meio do tato encontramos em Montagu (1988). Para o autor, essa comunicação, experimentada a nível de pele, demarca o

período externo-gestacional dessa relação. Nesse período, assim como no Eu-pele, os cuidados maternos são transmitidos pelo toque e auxiliam no desenvolvimento da criança. Ainda que esses cuidados arrefeçam à medida que a criança vai crescendo, houve um aprendizado, uma comunicação entre mãe e filho por intermédio do toque.

Nos dois autores citados, observamos que a pele é fundamental no desenvolvimento da criança, pois, por meio dela, há um aprendizado transmitido pelo tato. Com isso, ressaltamos a importância do tato e do toque, apropriando-nos desses para repensar a relação que as crianças possuem com suas próprias peles. Vale lembrar que as primeiras percepções sobre pele revelaram uma concepção limitada e fronteira, no entanto, vivenciar o contato com outras crianças permitiu reconstruírem suas percepções:

A gente tá acostumado a ver o outro, a apertar a mão, mas a gente não sente aquele momento, mas quando a gente tá fazendo esse desafio de olhos vendados, a gente consegue perceber mais as outras pessoas.

Eu achei que o tato é diferente de quando a gente fica só olhando. Quando a gente fica vendo a gente não sente.

É bem diferente do comum, acho que as pessoas ignoram totalmente o que a gente sente delas, mas essa aula ficou para gente que o tato é muito importante para nossa vida. (Narrativas das crianças).

A Educação Física tem um importante papel em buscar alternativas que ressignifiquem o corpo, despertando o indivíduo para um olhar crítico da realidade em que está inserido (GONÇALVES; AZEVEDO, 2008). Somado a isso, Montagu (1988) nos alerta que, embora seja essencial para o desenvolvimento infantil, culturalmente as experiências táteis são evitadas. Tendo em vista esses dois cenários, constatamos que a Educação Física pode ressignificar a concepção que as crianças possuíam sobre pele, despertando-as para a importância do tato e do toque.

Embora, para os autores ligados à experiência do tato, de certa forma, as crianças possuam essa sabedoria em virtude da relação construída com suas próprias mães, consideramos essencial resgatar, fazer emergir os aprendizados que o simples ato de tocar e ser tocado pode trazer. Em tempos de avanço científico da Educação Física, há um ganho, um crescimento em direcionar nossos olhares, também, para o passado e aprender com nossa sensação primeira, o tato. Como apontou Hundertwasser (1975), em alguns

momentos, o progresso pode significar retrocesso e, muitas vezes, o retrocesso pode tornar-se o progresso.

Um aprofundamento sobre as experiências do tato

As experiências do tato incitaram a investigar profundamente a Teoria das Cinco Peles. Com isso, construímos uma revisão sistemática na qual foram analisados 3 artigos e 2 dissertações no intuito de melhor compreender a maneira como a Educação Física aborda essa teoria. Nossa investigação nos revelou dois pontos importantes: inicialmente que os trabalhos em si consideram as peles como camadas, ou seja, separadamente. A outra constatação é que esses mesmos trabalhos privilegiam uma única pele, no caso, a quinta pele hundertwasseriana – terra (DECUSSATTI; TEIXEIRA; CAMINHA, 2016).

Para nós, não faz sentido abordar a Teoria das Cinco Peles na mesma direção dos trabalhos analisados, pois, em nosso olhar, a reflexão primeira de Hundertwasser é a interação, o contato entre as peles. Desse modo, investigar as peles separadamente e/ou priorizar aquela que traz reflexões sobre o meio ambiente caminha no sentido contrário da reflexão original do artista. É bem verdade que, assim como Silva (2007), Silva, Silva e Inácio (2008) e Dias e Abrão (2010), apropriamo-nos da teoria para a construção de uma intervenção, no entanto, diferentemente das pesquisas citadas, não elegemos a temática ambiental como eixo transversal para a intervenção construída.

Pele, no pensamento de Hundertwasser, está intimamente ligada à comunicação, ao contato. Tal pensamento nos remete a Merleau-Ponty (2012), sobretudo ao conceito de reversibilidade da carne. Para o filósofo, esse conceito pode ser explicado quando uma das mãos toca a outra, o mundo de uma se abre para o mundo da outra. Aqui, observa-se que há uma comunicação entre as mãos, despertando-as para que compartilhem, coabitem, coexistam, subjetivamente, o mesmo mundo.

O conceito de reversibilidade da carne, que, por sua vez, destaca a capacidade que temos de, concomitantemente, tocar e ser tocado, remete-nos ao tato. Repensando a teoria hundertwasseriana a partir dessa observação, as cinco peles envolvidas na teoria tocam e são tocadas. É verdade que, se analisarmos especificamente a quarta pele – identidade construída por meio das relações –, observaremos que se trata de um tocar metafórico, no qual somos sempre tocados e influenciados por aqueles com quem convivemos. Também vale destacar que certamente a segunda, terceira e quinta pele – roupas, casas e terra – não

possuem a sensibilidade para o tocar e ser tocado que a primeira pele – epiderme – possui. No entanto, não podemos ignorar que tal fenômeno aconteça.

Ainda no intuito de repensar a Teoria das Cinco Peles, recorreremos à percepção merleau-pontyana (1999), em que, no ato da percepção, o corpo abre-se para o mundo, incorporando-o para que possa ser percebido. Dessa forma, na teoria investigada, se insistirmos em eleger a primeira pele – epiderme – como aquela que percebe, logo, teremos que considerar que essa mesma pele abre-se para as demais, no intuito de que sejam todas percebidas. Assim, com base nas argumentações anteriores, considerando o pensamento de Merleau-Ponty (1999, 2012) e nossa experiência prática em relação ao tato, somos levados a crer que, por meio da reversibilidade da carne ou pela percepção, o mundo de cada uma das peles se abre para o mundo das demais, construindo, dessa forma, uma interação entre elas.

Essa interação entre as peles, que as leva, a partir da concepção merleau-pontyana, a habitarem o mesmo mundo, pode ser observada nos desenhos construídos. Após vivenciarem a intervenção, solicitamos às crianças que desenhassem sob a seguinte recomendação: desenhe sua pele. Diante da possibilidade de desenharem apenas uma pele, a maioria das crianças optou por desenhar todas as peles hundertwasserianas juntas, impulsionando-nos, assim, a considerar que pensar em pele é trazer à tona todas elas, coexistindo e interagindo entre si.

Figura 3: Desenhos construídos por crianças (b)



Percepções sobre pele na área da educação física: experiências do tocar



Fonte: dados do estudo.

Nossa intervenção e os desenhos construídos a partir dela, ao nos impulsionar a repensar a relação entre as peles, aproxima-nos das reflexões de Pires (2003) em sua dissertação ligada à área das artes. Para a autora, investigando alterações sob o corpo, em se tratando de pele, quando se observam alterações sobre ela, significa que algo interno a ela se modificou. Em nosso caso, essa alteração está na compreensão dos alunos, que passaram a perceber sua própria pele a partir da união de todas as peles hundertwasserianas.

Aprofundando ainda mais a percepção dos alunos, ao repensarmos a relação entre as peles, recaímos, também, sobre o conceito de quiasma de Merleau-Ponty (2012). Para o filósofo, trata-se do ponto de encontro, o momento exato onde quem está percebendo e o percebido abrem-se para a mesma experiência. No exemplo das mãos citado anteriormente, há um momento no qual não se sabe com clareza se é a mão direita que toca a esquerda ou a esquerda que exerce a ação na direita. Esse encontro entre as duas mãos Merleau-Ponty (2012) define como quiasma.

Tendo em vista esse conceito merleau-pontyano, para nós, após estimularmos vivências ligadas ao tato e compreendermos as ressignificações nas percepções das crianças, a relação entre as peles hundertwasserianas é quiasmática. Chegamos a essa compreensão a partir dos desenhos que congregaram todas as peles, amparados pelo pensamento merleau-pontyano de que, ao tocarem e serem tocadas, assim como no ato da percepção, as peles interagem entre si.

Para nós, esse ponto de encontro entre as peles, o qual simboliza a interação entre elas, denominamos de *interpele*. A necessidade de criar uma *interpele* se dá a partir das produções de Educação Física que compreendem as peles, conforme visto anteriormente, de forma isolada.

Em nossa compreensão, para pensar a Teoria das Cinco Peles é necessário considerar a comunicação entre todas as peles, e buscamos experienciar essa comunicação despertando as crianças para o tato. Assim, as vivências do tato nos revelaram uma comunicação constante, profunda e única, na qual a existência de cada pele está imbricada nas demais. A partir da nossa experiência fenomenológica, tomando por base a reflexão primeira do artista – a interação –, as peles estão articuladas. Portanto, essa relação constante entre as peles, essa existência indissociada é a *interpele*.

Considerações finais

Em um primeiro momento, quando as crianças foram questionadas sobre qual percepção possuíam de pele, observamos nelas uma forte associação à ideia de limite. Compreender a pele como algo que estabelece o limite, demarcando o seu espaço e o espaço do outro, fortalece uma relação de distanciamento com aqueles que as cercam, reforçando o padrão comportamental de evitar o contato.

Por outro lado, a Educação Física tem por intenção desenvolver sujeitos críticos da realidade que vivem. Sendo assim, ao compreendermos a importância do toque para o desenvolvimento infantil, buscamos despertar esse espírito crítico, ressignificando a percepção que as crianças possuem de suas próprias peles, por meio de uma intervenção que privilegiou o toque. Com isso, percebemos, também, que o primado do tocar é a fonte para se considerar a educação prática estesiológica.

Desse modo, além de despertarem para a importância da pele na relação de contato com o outro, as percepções ressignificadas revelam uma maior aproximação das peles *hundertwasserianas*, coexistindo simultaneamente. Esse contato entre todas as peles, capaz de admitir a singularidade de cada uma sem perder de vista a relação de comunicação que há entre todas elas, definimos como *interpele*. Por fim, consideramos essencial investigar sobre as singularidades de cada criança a partir da relação que constroem com a *interpele*.

Referências

ALES BELLO, Angela. **Introdução à Fenomenologia**. 1. ed. Bauru-SP: Edusp 2006.

ALMEIDA, Ana Cristina Pimentel C.; SHIGUNOV, Viktor. A atividade lúdica infantil e suas possibilidades. **Revista da Educação Física – UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 69-76, 2000.

Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3793/2608>>. Acesso em: 9 out. 2017.

ANZIEU, Didier. **O Eu-pele**. 1. ed. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 1989.

BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 1. ed. São Paulo-SP: Editora Isis, 2013.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 11-28.

CAMINHA, Iraquitan Oliveira. Fenomenologia e educação. **Revista Acadêmica de Filosofia**, ano V, n. 2, p. 11-21, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/762/412>>. Acesso em: 28 maio 2015.

CAMPOS, Dinah Martins Souza. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico de personalidade**. 22. ed. Rio de Janeiro-RJ: Vozes, 1993.

DECUSSATTI, Denis Oliveira; TEIXEIRA, Fabio Luis Santos; CAMINHA, Iraquitan Oliveira. Educação física e teoria das cinco peles: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, v. 22, n. 1, p. 337-346, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55482>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

DIAS, Thiago Cancelier; ABRÃO, Elisa. Projeto cinco peles: educação para o consumo consciente e para o lido sustentável para com o ambiente. **Revista espaço acadêmico**, ano X, n. 112, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10085/5968>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos; LUCHESI, Bruna Moretti; SAIDEL, Maria Giovana Borges; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro; MELO, Débora Gusmão. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Caderno Saúde Pública**. v. 27, n. 2, p. 389 – 394, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

FREIRE, João Batista; PEREIRA, Victor Barreto Costa. Percepções e significados nas caminhadas ecológicas. **Revista Efdportes**, ano 10, n. 80, p. 1-8, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd80/caminha.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000200008>. Acesso em: 22 set. 2016.

GONÇALVES, Andréia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio. O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? **Revista da Educação Física – UEM**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 119-130, 2008. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewArticle/4322>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

HUNDERTWASSER, Friedensreich. **Hundertwasser on Hundertwasser**. 1975. Disponível em: <<http://www.hundertwasser.at/english/texts/philosophie.php>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo-SP: Perspectiva, 2012.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. 1. ed. São Paulo-SP: Summus, 1988.

PERETTA, Eden Silva. Anatomia altruísta. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Curitiba, v. 28, n. 3, p. 125-139, 2007. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/27>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães; GOMES, Christianne Luce. Abordagens do brincar em cursos de graduação na área da saúde: Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. **Revista Movimento**, v. 22, n. 2, p. 555-566, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55774>>. Acesso em: 9 out. 2017.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano VI, n. 1, p. 76-85, 2003. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume06/n1/o_corpo_como_suporte_da_arte.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SILVA, Fabiano Weber. **Corpo e natureza: perspectivas para uma educação de corpomundo**. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

SILVA, Fabiano Weber; SILVA, Ana Márcia; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. A educação física frente a temática ambiental: alguns elementos teórico-metodológicos. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. XX, n. 30, p. 44-60, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/11362/0>>. Acesso em: 11 set. 2017.

SOARES, Carmen Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 75-88, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2869>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

TORTORA, Gerard; DERRICKSON, Bryan. **Corpo humano: fundamentos da anatomia e fisiologia**. 8. ed. São Paulo-SP: Artmed, 2012.

Sobre os autores

Dênis Davi de Oliveira Decussatti

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Doutorado no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, na área de concentração Cultura, Educação e Movimento Humano. Membro do grupo de pesquisa: LAISTHESIS - Laboratório de Estudos sobre Corpo, Estética e Sociedade.

Email: decussatti@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6909501667712977> -

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5625-9634>

Iraquitan de Oliveira Caminha

Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain (2001). Atualmente, é professor titular do Departamento de Educação Física, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: iraqui@uol.com.br ou caminhairaquitan@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0554271319840687> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0840-9227>

Recebido em: 14/05/2020

Aceito para publicação em: 08/06/2020